Da análise automática do discurso à teoria materialista dos processos discursivos: um percurso histórico

Abraão Janderson dos Santos Amaral*

UFPI

Maraisa Lopes**

UFPI

Recebido em: 30/06/2019

Aceito em: 08/11/2019

Resumo: Este artigo analisa as relações de sentido inerentes à configuração teóricometodológica da análise de discurso pecheutiana, tal como surgiu na França, durante o século XX. Para tanto, primeiramente foram delineadas as condições de produção sócio-históricopolíticas e intelectuais do início dos anos 1960 ao ano de 1983, tendo em vista os fatores extralinguísticos que incidiram sobre as reflexões linguísticas propostas. Em seguida, foram analisadas as ideias sobre linguagem suscitadas pelo projeto da AD, observando as posiçõessujeito tomadas pelos fundadores da disciplina, bem como as relações interdiscursivas e os deslocamentos de sentido subjacentes aos saberes metalinguísticos.

Palavras-chave: Análise de discurso. História das ideias linguísticas. Linguagem.

Abstract: This paper analyzes the meaning relations which are inherent to the theoretical-methodological configuration of Pêcheux's discourse analysis, as it has begun in France, during the 20th century. To this end, first socio-historical-political and intellectual production conditions were outlined, from the beginning of the 1960s to 1983, bearing in mind the extralinguistic factors that have influenced the linguistic ideas proposed. After that, the ideas on language raised by the DA project were analyzed, observing the subject-positions taken by the founders of the discipline, as well as the interdiscursive relations and the meaning displacement underlying the metalinguistic knowledges.

Keywords: Discourse analysis. History of linguistic ideas. Language.

Résumé: Cet article analyse les relations de sens inhérentes à la configuration théoricométhodologique de l'analyse du discours pêcheuxtien, tel qu'il est apparu en France au cours du 20ème siècle. Pour ce faire, d'abord les conditions socio-historico-politiques et intellectuels, du début des années 1960 à la anné de 1983, ont été décrites, en tenant compte des facteurs extralinguistiques qui ont influencé les réflexions linguistiques. Ensuite, les idées sur langage soulevées par la AD ont été analysées, en observant les positions-sujet prises par les fondateurs de la discipline, ainsi que les relations interdiscursives et les déplacements de sens sous-tendant à la connaissance métalinguistique.

Mots-clés: Analyse du discours. Histoire des idées linguistiques. Langage.



Considerações iniciais

Este artigo propõe analisar as relações de sentido e o delineamento histórico da análise de discurso pecheutiana, tal como se constituiu na França, durante a segunda metade do século XX. Tendo em vista esse intuito, buscar-se-á interpretar a discursividade e a historicidade inerente a tal disciplina, utilizando-se o arcabouço da História das Ideias Linguísticas (HIL), central para a reflexão sobre a produção dos saberes metalinguísticos, bem como o aparato da Análise de Discurso (AD) para suscitar interpretações sobre o devir histórico dessa prática científica. Nesse percurso, foram observadas as condições de produção sócio-histórico-ideológicas e intelectuais do início dos anos 1960 ao ano de 1983, tendo em vista os fatores extralinguísticos que incidiram sobre as ideias linguísticas propostas. Foram também analisadas as reflexões sobre linguagem, discurso, ideologia etc., desenvolvidas pelo projeto teórico-metodológico da AAD/AD, observando enfaticamente as posições-sujeito inerentes aos fundadores da disciplina e a implicação desse contexto subjetivo no desenvolvimento de conceitos e procedimentos.

Almejando tal movimento interpretativo, o percurso histórico proposto lança-se especificamente sobre os períodos de constituição, consolidação e reatualizações da AD, de 1960 a 1983. Fazem-se necessários, antes de tudo, dois adendos quanto ao recorte temporal efetuado; e a respeito dos termos empregados para se referir à teoria. Sobre a delimitação, que parte do ano de 1960, destacamos que, embora corresponda ao período anterior às contribuições concretas para a área da AD, é o contexto histórico e intelectual sob o qual se instaura uma memória discursiva multifacetada e de várias nuanças, prefigurando o surgimento de novas teorias discursivas, enunciativas e textuais. Propõe-se, portanto, o recorte de tempo objetivando compreender essa conjuntura. Em relação ao ano de 1983, a delimitação não indica o fim da teoria nem a sua marginalização, mas o período em que sua prática científica foi afetada pela morte de Michel Pêcheux¹, acontecimento que culminou no encerramento do grupo de *Pesquisa Cooperativa Programada* (RCP), em *Análise do Discurso e Leitura de Arquivo* (ADELA), pertencente ao *Centro Nacional de Pesquisa Científica* (CNRS) de Nanterre.

¹ O anúncio da morte de Michel Pêcheux e do encerramento do grupo acadêmico do qual ele fazia parte encontra-se na revista *Langage et société*, n°27, p. 85, 1984.

Sobre o sintagma "análise do discurso"², convém esclarecer que atualmente o termo abrange um conjunto de empreendimentos científicos "de diferentes ordens teóricas, metodológicas e que nada tem de articulado em seus procedimentos" (ORLANDI, 2005, p. 1). A diversidade subjacente às várias disciplinas e vertentes oscila tanto em relação aos modos de abordagem (enunciação, pragmática, linguística textual etc.), quanto às tradições intelectuais definidas geograficamente (análise do discurso francesa, brasileira, mexicana, anglo-saxã etc.). Além disso, poder-se-ia diferenciá-las considerando os tipos de objetos de estudo (textos verbais e orais), as orientações epistemológicas (materialistas, empiricistas e retóricas) e outras disjunções a serem feitas (ORLANDI, 2005). Nesse sentido, a análise de discurso constituída em torno de 1960 e 1983 tinha uma configuração teórica diferente da que se tem atualmente.

Não queremos dizer com isso, entretanto, que a AD tivera um estatuto homogêneo durante sua gênese histórica. Antes do termo "análise do discurso" ser difundido na França, quem primeiramente o emprega, tendo em vista a análise transcendente às unidades linguísticas, é o linguista estadunidense Zellig S. Harris em 1952, em seu artigo *Discourse Analysis* (MAZIÈRE, 2007). Apesar do termo designar os enunciados elementares, ou frasais, amalgamados em torno da unidade textual, o procedimento de análise harrisiano é tido com notável receptividade na França, sobretudo quando da sua primeira tradução francesa no nº 13 da revista *Langages*, em 1969 (GADET; HAK, 2014). Nessa época, a leitura de Harris já circulara em versão inglesa e, portanto, o sintagma "análise do discurso" tinha certa relevância, inclusive, compondo o título da edição da revista citada, que tinha o título *Analyse du discours*. Coube, pois, a Jean Dubois e Michel Pêcheux, sob uma "dupla fundação" (MALDIDIER, 2014a) consolidarem o sintagma por volta de 1969, para referirem-se a um campo de estudos discursivos que emergia na França.

Há de se destacar que, mesmo em 1969, os estudos discursivos apresentaram diferentes perspectivas. Enquanto Dubois, inserido na tradição filológica e etimológica, organizava a publicação de *Langages*, Michel Pêcheux, filósofo e membro do Departamento de Psicologia Social, e Michel Foucault, também filósofo e professor no Collège de France,

² Na gênese da disciplina, usava-se o sintagma "análise do discurso". Com o tempo, passou-se a utilizar "análise de discurso", visto que a teoria não se centrava em um discurso específico, mas no funcionamento discursivo em geral. Sendo assim, o termo análise de discurso será usado para se referir à teoria pecheutiana de modo geral. Quanto à configuração antiga da teoria e às outras abordagens não materialistas, utilizar-se-á respectivamente o termo análise do discurso com aspas e sem aspas. Para uma discussão mais completa, ver Orlandi (2003).

lançavam obras importantes no mesmo ano, *Análise Automática do Discurso* e *Arqueologia do saber*, respectivamente (MALDIDIER, 2017). Após a década de 1960, as demarcações teóricas começaram a se alterar e, apesar da tentativa de unificação em torno da noção de "Análise do discurso francesa", forjada por Guespin (1976) e mantida ainda hoje por teóricos como Charaudeau e Maingueneau (2016), as divergências são tantas, que as reduzir a um mesmo construto teórico nos faria desembocar em um anacronismo. Nesse sentido, a análise de discurso, para a qual este artigo se direciona, abarca a configuração da análise automática do discurso (AAD) e, posteriormente, da teoria materialista dos processos discursivos ou análise de discurso (AD), tendo em vista suas reformulações.

História das Ideias Linguísticas e Análise de Discurso: teoria e método

As reflexões e análises propostas pela presente pesquisa colocam em foco concepções e saberes linguísticos, cujas bases se assentam sob uma gama de acontecimentos políticosociais ocorridos na França. Foi almejando essa problemática que houve a necessidade de promover a articulação de duas teorias, a História das Ideias Linguísticas (HIL) e a Análise de Discurso (AD). A articulação entre HIL e AD se direciona para a análise de discursos sobre a linguagem, produzidos historicamente pelas instituições políticas, científicas etc., observando, sob a ótica discursiva, a implicação desses saberes na esfera social (ORLANDI, 2013). Nessa medida, assim como para Auroux (2014), interessa-nos o seguinte fenômeno: "seja a linguagem humana, tal como ela se realizou na diversidade das línguas; saberes se constituíram a seu respeito; este é o nosso objeto" (AUROUX, 2014, p. 14).

Segundo Colombat *et al* (2017), o saber metalinguístico designa o produto resultante da competência de utilizar-se da língua para falar da linguagem, que se configura em "uma representação consciente, aberta à transmissão tanto relativamente estabilizada quanto relativamente móvel, submetida, enfim, para o historiador das ideias linguísticas ao regime de historicidade variável no tempo" (COLOMBAT *et al*, 2017, p.49). Assim, os saberes envolvem a aquisição de uma competência para organizar conhecimentos elementares sobre a linguagem em uma metalinguagem e, com efeito, conduz à elaboração do saber

metalinguístico, suscetível de circulação discursiva e de materialização linguística e histórica.

Orlandi (2013) e Nunes (2008), de modo mais abrangente, defendem que a abordagem discursiva permite ampliar a definição de saber metalinguístico, concebendo-o como *discurso sobre a linguagem*. Esse deslocamento executado no domínio da HIL altera a forma de analisar a ocorrência dos conhecimentos linguísticos e abre caminho para a abordagem de um campo teórico mais dialético, em que a historicidade venha a ser estudada na sua relação constitutiva com os processos discursivos:

tomando as diversas formas de discurso sobre a(s) língua(s) para análise, efetuam-se leituras que remetem esses discursos a suas condições de produção, considerando-se a materialidade linguística na qual eles são produzidos e evitando-se tomá-los como documentos transparentes ou simplesmente como antecessores ou precursores da ciência moderna. Tais discursos atestam, de fato, modos específicos de se produzir conhecimento em determinadas conjunturas históricas (NUNES, 2008, p. 110).

Na perspectiva de Nunes (2008), entender os saberes metalinguísticos em sua discursividade nos conduz a não considerar transparentes os documentos nos quais eles se realizam, remetendo-os às suas condições de produção e a outros discursos. Trata-se, portanto, de constituir um dispositivo teórico-analítico para trabalhar entre a prossecução histórica dos saberes nos espaços sociais e a implicação destes, enquanto discursos, no âmbito ideológico e subjetivo da memória social.

De modo a demandar tal dispositivo, Orlandi (2001) reflete sobre três eixos a partir dos quais se pode analisar a prossecução dos discursos: a *constituição*, a *formulação* e a *circulação*. A constituição se dá a partir da historicidade da linguagem, na origem dos sentidos; a formulação ocorre na atualização e textualização dos sentidos a partir de novas condições de produção; e a circulação consiste na disseminação dos discursos, através das instituições e práticas sociais. Cada um desses processos implica na estabilização de dizeres, em um complexo com dominante intitulado de interdiscurso, e a cristalização dos sentidos.

Sendo assim, para entender as reflexões da AD, tem-se o princípio de que tais ideias não partiram do nada, já que estavam sob constante retomada com o histórico, materializado na forma de uma *memória discursiva*. Segundo Mariani (1996), a memória discursiva repousa numa dialética entre a repetição e a regularização, isto é, no constante

processo de retomada de um discurso que, simultaneamente, acaba resultado na sua cristalização. De acordo com Orlandi (2013), a memória discursiva "tem relações complexas com o saber discursivo, ou seja, com o interdiscurso, que é a memória irrepresentável, que se constitui ao longo de toda uma história de experiência de linguagem" (ORLANDI, 2013, p. 12). A partir disso, os sentidos permanecem em constante relação com a historicidade, intricada à memória discursiva.

Por conseguinte, a fase de concretização da memória e do interdiscurso só ocorre através da formulação discursiva, isto é, no momento e na conjuntura em que se textualizam os discursos. Neste artigo, a conjuntura histórica da análise de discurso é compreendida através do conceito de *condições de produção* que, segundo Orlandi e Lagazzi-Rodrigues (2006), diz respeito ao contexto no qual os discursos científicos são constituídos, seja em seu "sentido lato" - reverberante conforme a dimensão social, política e institucional - ou em seu "sentido estrito" - os modos de textualização dos discursos sobre linguagem. Pretendese, com isso, demonstrar em análises o processo a partir do qual se congruíram sentidos pretéritos e presentes, permitindo a retomada de ideias e a produção de novos produtos históricos.

Por fim, cumpre destacar o processo a partir do qual os discursos se consolidam em uma memória, a saber: a circulação discursiva. De acordo com Orlandi *apud* Dias (2018, p. 33), a circulação é "o ângulo de entrada no processo de produção dos sentidos", dada ao fato de que um sentido somente se torna existente, quando encontra bases sócio-históricas onde fincar-se. Essas bases, por conseguinte, só encontram um lastro da memória discursiva se obtiverem uma circulação efetiva, através da superestrutura ideológica de uma formação social. Assim, pretende-se observar os lugares de circulação das ideias da AD no contexto francês e mundial.

A partir de tais conceitos, entendemos que os conhecimentos suscitados pela AD, na época de sua constituição, estiveram intimamente ligados a fatores políticos, sociais e intelectuais que incidiram sobre os discursos científicos e sobre as diversas posições tomadas pelos fundadores nas suas respectivas publicações teóricas. Tendo isso em vista, destacouse, principalmente, o engajamento político dos primeiros teóricos da AD, os seus múltiplos lugares de saber na academia científica e a relação institucional que tinham quanto às ideias consolidadas.

A conjuntura histórica da análise de discurso

As ideias linguísticas inerentes à análise de discurso surgiram na segunda metade do século XX, em torno da conjuntura histórica da V República francesa. Diante da relação fundamental entre ciência e política, Michel Pêcheux, Paul Henry, Denise Maldidier, Jean-Jacques Courtine, Michel Plon, Françoise Gadet e outros intelectuais constituíram um conjunto de saberes voltado à reflexão sobre linguagem, ideologia e história, em meio ao domínio acadêmico do estruturalismo e das "releituras dos clássicos" (NARZETTI, 2008). Ademais, para além da situação intelectual, foi durante esse período que os ideais científico-políticos do marxismo-leninismo e o reconhecimento dos partidos de esquerda se disseminaram popular e institucionalmente, principalmente em decorrência da prosperidade social vivida pela União Soviética após a vitória contra o nazi-fascismo alemão, o que reuniu, assim, condições para um forte engajamento social através das práticas científicas.

Além disso, a situação favorável da França, que pôde garantir através da manutenção do Estado de bem-estar social o pleno emprego e o investimento universitário, tornou propício o acolhimento de diversos saberes. Após o longo período de reconstrução do país, entre 1945 e 1958, por conta dos impactos da Segunda Guerra mundial, foram feitas importantes mudanças político-econômicas, impulsionadas, sobretudo, pelo forte crescimento do setor financeiro que lhe beneficiou até meados de 1975 (NAÏR, 1999). Diante do cenário próspero, acontecimentos fundamentais decorreram principalmente em 1958, com a aprovação da nova constituinte, a substituição do regime parlamentarista pelo semipresidencialista e as sucessivas medidas econômicas, como a adoção do *Plano Pinay-Rueff* e a restrição momentânea à Comunidade Econômica Europeia (CEE), para retirar o país da grave recessão decorrente do período anterior (BALASSA, 1979).

No mesmo período, iniciou-se a Guerra da Argélia (1958-1962), em prol da independência do país argelino face à colonização francesa, promovendo intensos debates, tanto entre entidades políticas anti-imperialistas, a exemplo da Frente de Libertação Nacional (FLN), da qual Denise Maldidier era membra, quanto de grupos fascistas e de

extrema direita contrários à desvinculação, como a Organização Armada Secreta (OAS), responsável por vários atentados terroristas da época (ANDRADE, 2014). A ampliação da democracia, o fortalecimento das organizações populares, o crescimento econômico e o acaloramento dos embates ideológicos, dentre outros fatores, compõem o dorso de uma geração inserida no debate político, da qual Michel Pêcheux e outros intelectuais da AD farão parte, posteriormente.

Desde já, é, pois, necessário ressaltar o forte engajamento ideológico com o pensamento marxista que tinham os pensadores que contribuíram de alguma forma com o projeto da AD. A partir de 1960, ainda no início da V República, os ideais em torno do marxismo e especificamente a participação de dois partidos de esquerda, o Partido Comunista Francês (PCF) e o Partido Socialista (PS), ganharam grande projeção no espectro político, sobretudo no ápice da Guerra da Argélia, com a militância de intelectuais, como Maldidier, Jean Dubois e Louis Althusser, que viriam a ser futuramente atores fundamentais para a AD.

Como observa Naïr (1999), o desenvolvimento econômico da França "favoreceu o aparecimento de novas (*sic*) assalariadas (funções públicas, serviços etc.) que se tornaram objeto de disputa muito intensa entre o Partido Comunista e o Partido Socialista" (NAÏR, 1999, p. 223). Assim, pode-se ter a dimensão da ação dos partidos de esquerda no começo da década de 1960, que, mesmo não sendo maioria entre o parlamento e entre a própria população, tiveram uma margem de crescimento eleitoral relevante até a vitória de François Mitterrand, em 1981 (NAÏR, 1999), aproveitando-se do enfraquecimento de organizações de direita, bem como de grupos fascistas, como a OAS, cujo desmantelamento se deu após o fim da Guerra da Argélia em 1962 (ANDRADE, 2014). Diante do destaque da *gauche* francesa na sociedade, como um todo, não nos surpreende a nova guinada ao marxismo, que passou a ser revisitado com novo vigor e criticidade por estudiosos alinhados a novas condições discursivas, a exemplo de Althusser na formulação do marxismo sob o prisma epistemológico do estruturalismo.

No contexto político francês, grande parte dos estudiosos marxistas não foram, à época, apenas figuras importantes em suas respectivas áreas de atuação, mas sim reconhecidos por seu ativismo político, o que estabeleceu uma militância intelectual e política forte nas universidades do país e principalmente no Partido Comunista Francês (PCF), do qual a maioria dos estudiosos eram membros. Estes estavam em plena atividade,

sobretudo em 1965, quando PCF, PS, correntes políticas e outros partidos de esquerda se juntaram para compor a União da Esquerda e formar um programa comum, apoiando François Miterrand (PS). Conforme Jean-Jacques Courtine, em entrevista para Nugara (2010), esse foi um dos fatores mais importantes da conjuntura em que surge a AD:

É preciso jamais esquecer a relação inicial de tudo isso com a política. Os fundadores da AD eram gente de esquerda, marxistas além do mais, militantes comunistas na maioria, não é possível omitir isso. Era o caso de Pêcheux e de todos aqueles que lhe eram próximos, que se ocupavam ou não da análise do discurso - Françoise Gadet, Paul Henry, Michel Plon, Elizabeth Roudinesco, eu mesmo [...] (NUGARA, 2010, p. 2).

Em que pese às fronteiras entre ciência e política, as linhas eram tênues em se tratando das reflexões sobre linguagem mantidas por Dubois, Pêcheux, Althusser e outros envolvidos. Observa-se, então, a importância do forte contexto político para que houvesse uma mudança no estatuto das Ciências sociais, uma vez que se criaram condições para colocar em cheque o pressuposto segundo o qual o formalismo ou o cientificismo ("fornecidos" pelo estruturalismo) poderiam eximir a linguística da ideologia. Somado ao aparato filosófico materialista, a agudeza crítica constituída nessa época pôde ainda, especialmente através de Pêcheux, trazer à tona o caráter idealista que sustentava a base do pensamento ocidental, desde o pensamento grego, desembocando na noção cartesiana de sujeito e nas evidências do sentido, manifestas pela semântica moderna etc. (PÊCHEUX, 1975).

Nesse mesmo período, o clima intelectual francês também favoreceu o surgimento de atualizações teóricas, uma vez que se encontrava no limiar da filosofia existencialista de Sartre, estabelecida no período pós-guerra, e das releituras do Materialismo de Marx, por Althusser; do Inconsciente de Freud, através de Lacan e da Genealogia de Nietzsche, por Deleuze (NARZETTI, 2008). Concomitante a isso, o estruturalismo vivia seu apogeu como "ciência piloto" das Ciências sociais, tendo Lévi-Strauss como representante na Antropologia; e Roland Barthes, na Semiologia, além da ascensão da epistemologia histórica francesa relacionada à constituição das práticas científicas, cujas reflexões eram suscitadas especialmente pelos teóricos Georges Canguilhem e Gaston Bachelard.

Dessa forma, desenvolveram-se, no mesmo espaço-tempo, numerosas áreas de saber na França, impulsionadas pelo fortalecimento das ciências humanas. Essa diversidade

científica refletiu-se na própria formação disciplinar dos iniciadores da AD, entre os quais havia historiadores, filósofos, linguistas, psicólogos e até matemáticos (MALDIDIER, 2017). Cumpre ressaltar, com isso, o contexto intrínseco à geração de estudiosos que posteriormente viriam a compor o grupo encabeçado por Michel Pêcheux. Adiantando um segundo aspecto inerente ao grupo de analistas discursivos dessa época, destaca-se o fato de todos terem assumido múltiplas posições no interior de variados saberes, isto é, a característica de atuarem dialeticamente na interseção de conhecimentos diversos, cujas bases tinham em comum o trato com os fenômenos metalinguísticos. Dessa origem, já se depreende, portanto, o "lugar de entremeio" caro à disciplina (ORLANDI, 2013).

Nesse limiar transdisciplinar, sobressaíram-se dois centros de estudo, onde os debates políticos e teóricos se mantiveram durante longo tempo: a Escola Normal Superior (ENS) da *Rue d'Ulm* e a Universidade de Paris X – Nanterre. Quanto ao primeiro, foi no ENS onde Pêcheux recebeu a agregação em filosofia em 1963 e onde o teórico pôde conhecer Louis Althusser, professor e mestre que o insere na ciência política, juntamente a George Canguilhem, que, por sua vez, o orienta para o conhecimento acerca da história da ciência e da epistemologia. Conforme Maldidier (2017), "Althusser é, para Michel Pêcheux, aquele que faz brotar a fagulha teórica, o que faz nascer os projetos de longo curso" (MALDIDIER, 2017, p. 18). Mediante o grupo de estudos de Althusser, foram mantidos o Círculo marxistaleninista e o Círculo de epistemologia, responsável pela publicação dos *Cahiers pour l' analyse*, além de publicações e seminários, a exemplo do que ocorre em 1965-1966, a primeira participação de Lacan no ENS (MALDIDIER, 2017).

Durante 1961 e 1965, Althusser organizou um seminário sobre Marx, propôs leituras e estudos sobre o estruturalismo, através das obras de Lacan (Pêcheux foi quem coordenou esta leitura), Lévi-Strauss e Foucault e, em 1965, coordenou a leitura coletiva da obra *O Capital*, de Marx, resultando, posteriormente, na obra *Ler o Capital*, no mesmo ano (NARZETTI, 2008). Os pressupostos epistemológicos e filosóficos desenvolvidos por Althusser viriam a ter grande influência sobre o pensamento de Pêcheux, para quem o projeto da AD viria a ser mais que uma teoria linguística, mas parte constituinte e fundamental da ciência do Materialismo Histórico e da filosofia do Materialismo Dialético, ambas entendidas por Althusser como áreas ainda não desenvolvidas em sua totalidade.

Na Universidade de Paris X – Nanterre foi Dubois quem coordenou as ações de engajamento de 1967 a 1972. Apesar de manter-se numa vertente distinta da AD materialista,

sua importância nesse percurso deu-se pelo fato de institucionalizar a área da análise do discurso nos espaços acadêmicos. Dubois, ao se estabelecer em Nanterre, convocou pesquisadores, organizou o departamento de linguística, foi coordenador editorial da revista Lanrouse, participou na difusão de Langue Française (1969) e de Langages (1966), esta última, a que veio a se tornar revista fundamental para a divulgação de pesquisas em AD. Além disso, Dubois passou a orientar pesquisas e teses, inclusive aquelas a serem consideradas as primeiras teses em AD, de Jean Baptiste Marcellesi, Le vocabulaire du Congrès socialiste de Tours (1968), e de Denise Maldidier, Vocabulaire politique de la guerre d'Algérie (1970) (a qual, mais tarde, iria compor o grupo de Pêcheux) (MAZIÈRE, 2007).

Ao longo da constituição dos centros de estudo, em torno de Pêcheux e de Dubois, o diálogo entre ambos foi constante, tanto em relação a publicações em revistas, quanto ao fato de Pêcheux ter sido por vezes convocado a fazer parte de juris, como quando da defesa da tese *Problemas de Análise de Discurso: ensaio de descrição do discurso francês sobre a China* (1978), de Jean-Marie Marandin, futuro colaborador da AD. Entretanto, apesar da presença constante de Pêcheux nos espaços acadêmicos, seu lugar perante a institucionalização universitária foi ambíguo. Por um lado, o filósofo utilizou-se do aparelho acadêmico para impulsionar suas bases teóricas e, por outro, formulou reflexões mais críticas sobre a linguagem, fora da *praxe* científica regular. Esse movimento de relativo distanciamento em relação à posição do acadêmico lhe permitiu estar sempre no limiar de diferentes posições teóricas, dentre as quais se destacava a sua posição política.

O projeto teórico da análise automática do discurso (AAD)

Em 1966, o projeto de desenvolvimento de uma "teoria do discurso" é posto em prática com a colaboração do grupo althusseriano e principalmente pela intervenção de Michel Pêcheux, Paul Henry e Michel Plon (MALDIDIER, 2017). Foi durante esse período que Pêcheux entrou no Laboratório de Psicologia Social, do Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS), no qual concluiu sua tese de doutorado e conheceu Henry e Plon. O primeiro, matemático e linguista, foi o polo a partir do qual os conceitos de "discursividade" e "pré-construído" seriam desenvolvidos; enquanto o segundo, como psicólogo, constituiu,

"às avessas", reflexões acerca do inconsciente e da subjetividade. Diz-se "às avessas" porque o CNRS era composto por estudiosos da psicologia social contrários à tese do inconsciente, razão pela qual o primeiro texto publicado por Pêcheux, para intervir no âmbito das ciências sociais, foi assinado sob o pseudônimo de Thomas Herbert.

Nas publicações que se seguirão, observa-se que ao participarem do mesmo lugar de produção discursiva e, simultaneamente, irem de encontro à formação discursiva institucional do CNRS, Pêcheux, Paul Henry e Michel Plon assumiam duas posições, oriundas respectivamente do saber acadêmico institucional e do saber político e filosófico. De modo a legitimar o projeto em desenvolvimento, a primeira posição trouxe a necessidade da aderência à prática universitária que estava sob as coerções ideológicas do grupo ao qual se filiava no caso, no grupo de estudiosos do CNRS. A segunda posição, pautada na praxe política do marxismo e avessa ao idealismo, evocava sentidos censurados a nível institucional, a fim de romper com a prática científica hegemônica através de conhecimentos críticos.

Tendo em vista isso, em 1966 Pêcheux publica sob o nome de Thomas Herbert o artigo *Reflexões sobre a situação teórica das ciências sociais e, especialmente, da psicologia social* e, em 1968, *Observações para uma teoria geral das ideologias*, ambos no *Cahiers pour l' analys* (HENRY, 2014). No primeiro texto, o autor faz a observação de que as ciências sociais se encontravam num estado pré-científico, apenas a transferir instrumentos de outras ciências, sem adequá-los a uma teoria própria. Assim, estando apenas no primeiro estágio científico, o de construção do objeto, faltava às ciências sociais o estágio de reprodução metódica. No segundo texto, Pêcheux (1966) observou que, por conta desse estágio das ciências sociais, a dimensão ideológica permanecia alheia em meio ao aparato técnico, sendo necessária uma teoria do discurso que abrangesse o caráter político intrínseco à linguagem. Em ambos os textos, Pêcheux assumia duas posições: a que dizia respeito aos saberes epistemológicos; e aos saberes político-marxistas.

Entre o período das duas publicações de Pêcheux/Herbert, o autor publicou, dessa vez com seu próprio nome, os artigos *Análise do conteúdo e teoria do discurso*, em 1967, e *Rumo a uma técnica de análise do discurso*, em 1968. Nessas publicações, o autor tece críticas à análise de conteúdo e esboça a formulação de uma teoria do discurso, sem se contrapor à psicologia social e sem dar lugar a reflexões sobre a psicanálise (fato que assevera o antagonismo entre a posição de acadêmico e de filósofo-político). No ano seguinte, Paul

Henry e Serge Moscovici também publicariam um artigo na revista *Langages* intitulado *Problèmes de l'analyse de contenu* (1968), no qual expunham as fragilidades metodológicas da análise do conteúdo, fazendo, no fim, o apelo ao seguinte fato: "nós confundimos, portanto, variáveis dos textos e variáveis dos fenômenos estudados, negando, entre outras coisas, a existência de efeitos ideológicos" (HENRY; MOSCOVICI, 1968, p. 59).

Da mesma forma que Pêcheux, as observações de Henry e Moscovici sobre a negação dos efeitos ideológicos na interpretação de textos, prefigurava a assunção do materialismo histórico, que tomava as questões políticas como determinantes das práticas sociais. Ainda em 1968, Pêcheux defendeu sua tese de doutorado no CNRS, intitulada *Análise Automática do Discurso*, a qual seria publicada em 1969, pela editora *Danod*, coleção *Sciences du Comportement*. Após postular sobre a deficiência das ciências sociais quanto à falta de instrumentos científicos, Pêcheux lançava a obra que consolidaria a "análise do discurso": o instrumento estava dado (HENRY, 2014). A publicação de sua tese, porém, se daria pela editora do CNRS, o que implicou a mudança de seus posicionamentos em relação à psicanálise e ao marxismo, cujos pressupostos permaneceriam silenciados, embora intrínsecos no interior de toda a sua formulação discursiva.

O aparecimento da obra, entre 1968 e 1969, era marcado por um período repleto de desdobramentos históricos, favorável ao aparecimento da AD. Em 1968, o mundo vivia o estopim das manifestações decorrentes de acontecimentos geopolíticos, que também se refletiram na França, país onde ocorreram ocupações na Universidade de Nanterre, manifestações dos estudantes de Sorbonne, protestos, greves e ocupações de fábricas. Viase nas ruas um encontro de distintas gerações e principalmente a construção de uma memória discursiva propícia a rupturas, o que afetaria profundamente a sociedade francesa nos anos seguintes. Segundo Bertaux e Linhart (1988):

os acontecimentos de maio a junho de 68 e o desassossego que se seguiu até por volta de 1973 tiveram um impacto significativo na sociedade francesa. Eles ajudaram a disseminar novos valores, novas maneiras de pensar [...] (BERTAUX; LINHART, 1988, p. 79, tradução nossa)³.

Revista Investigações, Recife, v. 32, n. 2, p. 479 - 506, Dezembro/2019

_

³ "Les événements de mai-juin 68 et 'l'agitation' qui a suivi jusque vers 1973 ont eu un impact non négligeable sur la société française. Ils ont contribué à disséminer de nouvelles valeurs, de nouveaux modes de pensée".

É sob essa égide que também é lançado, em 1969, o número 13 de *Langages*, intitulado *Analyse du discours*, figurando os artigos de Dubois e Geneviève Provost sobre a análise do discurso e o discurso político, bem como o artigo de Harris traduzido (MAZIÈRE, 2007). Em suma, o clima socio-intelectual passava por constantes deslocamentos e pelo atravessamento de diferentes formações ideológicas. Na política social, observava-se pelas greves de 1968 o encontro da geração que se fez presente durante a Guerra da Argélia com a geração recente. No clima intelectual da linguística, via-se o encontro da tradição filológica, gramatical etc. com as novas reflexões da enunciação e dos estudos discursivos. Essa dialética entre a memória institucionalizada e o novo contexto político-intelectual compôs a obra de Pêcheux, que ressignificou desde os elementos do estruturalismo saussuriano às formulações de Culioli (GADET; HAK, 2014).

Em Análise Automática do Discurso (1969), Pêcheux visou não apenas propor novos procedimentos de análise textual, mas também reflexões que pudessem interferir no campo das ciências sociais. No começo de sua tese, após abordar os procedimentos comuns à época, Pêcheux (1969) expõe seus pressupostos pela abordagem crítica do estruturalismo saussuriano, focando especificamente na dicotomia *langue/parole* (p. 70), na teoria do valor (p. 96) e no conceito de língua como instituição social (p. 74). O teórico partilha do préconstruído sobre língua, entendendo-a em sua sistematicidade, além de não diluir a dicotomia, nem recusar a teoria do valor. Porém, desloca tais noções para propor que através da materialidade linguística operam os processos discursivos, os quais se ancoram em *condições de produção* (p. 79) e determinam o valor semântico dos lexemas no sistema (o que lhe permite introduzir o conceito de *efeito metafórico* [p. 94]).

Até esse ponto, o teórico permanece na posição de linguista estrutural, deslocando-se para funcionalista, devido à primazia dada ao contexto. Com efeito, no tratamento da noção de fala, Pêcheux (1969) assume sua posição materialista, ao rechaçar o idealismo intrínseco à divisão efetuada por Saussure, que autoriza a evidência do sujeito livre: "a fala, enquanto uso da língua, aparece como um *caminho da liberdade humana*" (PÊCHEUX, 1969, p. 70). A mesma posição materialista é tomada na crítica que Pêcheux faz ao entendimento de língua como instituição social, distinta das demais, uma vez que estaciona na evidência de que as instituições têm um fim claro e explícito, sendo livres dos efeitos ideológicos. Dessa forma, promove-se um deslocamento político no sentido de reconhecer a ideologia como constitutiva das instituições sociais, incluindo-se a língua.

Nessa re-visão de Saussure, as teses de Althusser encontram-se interiorizadas (sobretudo no exemplo do discurso político na Câmara), embora não explicitadas. Permanecendo na formação materialista, Pêcheux (1969) questiona a premissa de Jakobson acerca da "escala ascendente de liberdade" conforme os processos linguísticos são ampliados; e faz o mesmo em relação ao modelo gerativista, o qual produz, segundo ele, "uma forma de criatividade não subjetiva no próprio interior da língua" (PÊCHEUX, 1969, p. 71). Assim, para o teórico, a análise textual necessitaria de uma mudança epistemológica e da intervenção de noções oriundas de áreas exteriores à linguística, isto é, da articulação com o materialismo histórico. Nessa perspectiva, Pêcheux (1969) retoma a semântica moderna e destaca que esta não poderia dar conta dos processos discursivos (p. 73).

Na AAD, a linguagem é, portanto, pensada à luz do materialismo e a partir da interseção dos funcionamentos linguístico-formais, dos processos discursivos e das condições de produção (CP). A essa altura, o teórico propõe-se a especificar este termo, bem como definir seu objeto, dessa vez, recorrendo a dois esquemas de comportamento linguístico: o reacional (estímulo-organismo-resposta), de B. Skinner, e o informacional (emissor-mensagem-receptor), de R. Jakobson (p. 79). Preferindo o segundo, por levar em conta os sujeitos da situação, Pêcheux (1969) retoma o termo *mensagem*, como processo de *transmissão de informação* entre as partes A e B, formulado por Jakobson, e produz, com relação ao processo descrito, uma mudança fundamental para o que ele define de *discurso*, como *efeito de sentidos* entre A e B (p. 81). Assim, o objeto da AD estava dado.

Mais à frente, Pêcheux (1969) toma o cuidado de conceber o discurso em seu caráter material. Para tanto, promove um deslizamento de sentido quanto aos pressupostos de Chomsky, sobre estruturas, elencando a língua como superfície discursiva e os processos discursivos como profundidade (p.94). A dimensão dessa reflexão permite-nos constatar que a crítica pautada no saber marxista é o ponto nodal de toda a teoria. O filósofo prossegue a afirmar que, além do contexto, as CP abarcam os sujeitos da situação, que correspondem a representações de lugares sociais, isto é, *formações imaginárias* projetadas na comunicação. Dessa forma, as divisões entre lugares sociais e as *relações de força* (p. 86) interfeririam na produção de sentidos, considerando os efeitos ideológicos das formações sociais.

Estendendo-se a outras relações de sentido que Pêcheux (1969) estabelece teoricamente, observa-se, em todos os casos, a intervenção central de um saber materialista nas ideias linguísticas, atravessadas por diversos saberes oriundos do estruturalismo, do

gerativismo, do funcionalismo e etc. Do modelo transfrástico de Harris, Pêcheux adota a redução das unidades frasais pelas quais depreendem-se as variações discursivas, operando um deslocamento quanto ao construto formal, em detrimento dos elementos contextuais. No lugar de frase, o autor estabelece o enunciado como unidade discursiva, dando lugar à noção de Benveniste (p. 100-101), além da noção de "léxis", de Culioli, tendo em vista os processos de predicação estáveis sobre os quais operam as variedades discursivas (p. 121).

Sendo assim, o teórico assume a posição de linguista, em vários domínios, ao lidar com os procedimentos e definições teóricas, mas promove uma interferência determinante em toda sua teoria pela posição política materialista. Há de se destacar a posição assumida por Pêcheux (1969) quanto aos saberes da formalização e da informática, cuja caracterização confere à sua obra o estatuto de análise "automática" do discurso. Essa dimensão automatizada tinha dupla importância, epistemológica e operacional, de modo a produzir um instrumento reprodutivo e empírico que fornecesse resultados com mais exatidão, uma ambição contínua de Pêcheux (GADET; HAK, 2014). Nessa primeira fase de formulação textual da AAD, demonstram-se, portanto, os diferentes saberes pelos quais Pêcheux é afetado, esboçando muitos dos princípios que comporão a *teoria materialista dos processos discursivos*, em *As verdades de La Palice* (1975).

Até chegar a esse ponto, diversas reformulações serão feitas e o projeto passa a ganhar maiores contornos, em termos teóricos e de grupo, inclusive com a participação de mais estudiosos de outras áreas. Na época da publicação da AAD-69, Pêcheux já conhecera os linguistas Antoine Culioli e Catherine Fuchs, (MALDIDIER, 2017). Pêcheux, Culioli e Fuchs chegaram a publicar no *Cahiers pour l'analyse*, um artigo composto por duas partes, a primeira publicada em 1968 por Culioli, intitulada *A formalização em linguística*, e a segunda por Pêcheux e Fuchs em 1970, intitulada *Lexis e metalexis:* o problema dos determinantes. Os textos preveem a abordagem do quadro culioliano aplicado aos determinantes e às orações relativas, temática fundamental para a formulação do termo *pré-construído* (MALDIDIER, 2017). Este publicará o texto *Construções relativas e articulações discursivas* (1975), a partir do qual a questão das orações relativas é analisada como efeito da articulação do préconstruído no fio da discursividade, isto é, o histórico constitutivo intervindo na linguagem (HENRY, 1975).

Em 1970, Althusser publica na revista *La Penseé* o texto *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado* (1970), o qual possibilita que Pêcheux desenvolva em suas produções

posteriores os conceitos de *ideologia* e *formações ideológicas*. A escolha de Althusser em publicar no jornal *La Penseé*, composto por intelectuais comunistas, é significativa quanto ao grau de atividade e intervenção política. Após a força demonstrada pelo PCF nas eleições de 1969, resultando no terceiro lugar com Jacques Duclos, as movimentações em torno de debates, intervenções e trabalhos de base passaram a ser constantes entre as organizações de esquerda (NAÏR, 1999). Nesse período, Pêcheux cria o grupo *Língua*, *Discurso e ideologia* (LDI), no Laboratório de Psicologia Social de Paris VII, a fim de levar adiante o projeto da AAD-69, com a linguista Christiane Kervadec e a matemática Mireille Lagarrigue.

Em 1971, Pêcheux publica o texto *Língua, "linguagens", discurso*, no jornal comunista *L'Humanité*, através do qual suas reflexões acerca do campo da linguística e da falta que se faz a articulação com o materialismo histórico são expostas. Mediando a questão política e não excluindo a autonomia linguística, Pêcheux concebe em seu texto "a língua [...] como a base a qual processos [discursivos] se constroem" (PÊCHEUX, 1971, p. 128). No mesmo ano, Pêcheux, Claudine Haroche e Paul Henry publicaram um artigo semelhante, intitulado *A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso*, na revista *Langages*, cuja edição homenageava Émile Benveniste. Diferentemente do texto anterior, este tece críticas à semântica moderna e toca na subordinação que Saussure deu à significação, face à teoria do valor aplicada ao sistema linguístico, mostrando assim a contribuição da AD. Ambos os textos, que projetavam sujeitos-leitores distintos – militantes e acadêmicos –, colocavam novamente em choque as posições políticas e linguísticas, ora colocando o marxismo face à linguística, ora expondo os equívocos da semântica, ao se ocupar das evidências idealistas do sentido.

Em 1972, a transdisciplinaridade inerente à AD é marcante. Nesse ano, Pêcheux encontra Jacqueline Léon, importante estudiosa da área da informática e aproxima-se dos historiadores Alain Lecomte, Claude Del Vigna, e principalmente Jean-Jacques Courtine. Pêcheux, Henry e Haroche permanecem firmes no projeto de desenvolver um manual automático para a utilização do método da "análise do discurso" (MALDIDIER, 2017). Na área da linguística, Paul Henry contribuía com o desenvolvimento dos conceitos de interdiscurso, intradiscurso, pré-construído e articulação, através das análises das orações relativas e dos determinantes. Esse trabalho em específico colocará em impasse a enunciação de Oswald Ducrot, com a noção de pressuposição; incorporará os procedimentos de Culioli; e acrescerá um estatuto lógico pela leitura de G. Frege.

Com respeito ao artigo publicado por Henry, em 1974, *Do enunciado ao discurso: pressuposição e processo discursivo*, Henry traça um parâmetro dos estudos enunciativos, recorrendo aos postulados lógico-pragmáticos de Ducrot e contrapondo-os ao historicismo. Apesar de ser linguista e matemático, Henry evoca saberes históricos, o que irá ocorrer em outros textos, como em *A história não existe?* (1984). Ao analisar os fenômenos de locução, em Ducrot, o autor insere a noção de pré-construído, demonstrando que as "armadilhas" estratégicas não partem do locutor, mas dos "traços de construções anteriores". Retira-se, pois, o estatuto de sujeito livre, para sujeito do discurso, pelo qual a história intervém (HENRY, 1974). No ano seguinte, em 1975, as reflexões de Henry, juntamente a Pêcheux e Fuchs, comporão a edição *Análise de discurso, língua e ideologias*, da revista *Langages*, organizada pelo grupo pecheutiano.

A teoria materialista dos processos discursivos

Em 1975, os textos publicados no número 37, da revista *Langages*, antecipam diversas reformulações da AD, que resultam, no mesmo ano, na publicação de *Semântica e Discurso*, de Michel Pêcheux. Salvo o texto de Paul Henry, já citado anteriormente, põe-se em destaque o artigo *Atualizações e perspectivas a propósito da Análise Automática do Discurso* (1975), de Pêcheux e Fuchs. O texto, mais do que reformulações, propõe uma teoria do discurso ancorada nas principais bases: o *materialismo histórico*, a ciência que compreende os processos ideológicos e as formações sociais; a *linguística*, abrangendo os processos enunciativos e formais; e a *teoria do discurso*, a dar conta dos processos semânticos. Há, ainda, o atravessamento de uma *teoria da subjetividade*, de natureza psicanalítica, que fornece questões relacionadas às dissimulações ideológicas.

Assim como em AAD-69, as mesmas referências teóricas se mantêm, porém são melhor desenvolvidas pelos autores. As noções de *formação ideológica*, *assujeitamento*, *formação discursiva* e *ideologia* são agora definidas e a posição tomada em relação aos conhecimentos da psicanálise ganha destaque. Dessa forma, identifica-se o atravessamento da formação materialista com a psicanalista, especialmente através dos conceitos de esquecimento nº1 e nº2 (p. 176), que colocam sob relação direta a *ideologia*, a interpelar os

sujeitos, e o *inconsciente*, a dissimular essa opacidade. Pêcheux e Fuchs (1975) oferecem, com isso, uma explicação não idealista para a dissimulação das evidências do sentido. Conforme os autores, o esquecimento nº1 consiste do desconhecimento inconsciente de que todo sujeito está assujeitado à formação discursiva que o determina, e o esquecimento nº2 diz respeito à ilusão de que a organização lógico-linguística feita pelo sujeito seria transparente ao seu interlocutor (PÊCHEUX; FUCHS, 1975).

A recorrência ao saber psicanalista advém, dessa forma, como modo de sustentação da tese althusseriana do assujeitamento. Da mesma forma, Pêcheux e Fuchs (1975) retomam Benveniste, de modo a contrariarem sua subjetividade enunciativa, entendida como "uma nova forma de ilusão segundo a qual o sujeito se encontra na fonte do sentido ou se identifica à fonte do sentido" (PÊCHEUX; FUCHS, 1975, p. 173). Para essa questão, os autores introduzem, nessa nova fase, o termo *formação discursiva*, incorporado de Michel Foucault. No entanto, para a AD, a noção de FD é empregada em relação à determinação imposta discursivamente pela formação ideológica, diferindo da noção foucaultiana, empregue no sentido histórico-arqueológico e aplicado ao conjunto de discursos concretizados através de práticas.

Após diversas reformulações e acréscimos, Pêcheux publica *As verdades de La Palice*⁴ (*Semântica e Discurso*, na edição brasileira) em maio de 1975, a obra que comporta a síntese da teoria materialista do discurso, de forma sistemática, ancorada em problematizações filosóficas, linguísticas e metodológicas. Diferentemente da obra anterior que havia sido publicada pela editora acadêmica *Danod*, desta vez, o filósofo publica seu livro pela *Éditions Maspero*, de orientação marxista. A distinção institucional entre ambos os espaços de circulação discursiva é fator determinante para que Pêcheux aborde os saberes da psicanálise e traga reflexões mais críticas em relação aos conhecimentos consolidados na academia. A tomada de posição em relação ao materialismo é, sob esse aspecto, a questão sobre a qual o autor se direciona na primeira parte do livro, ao expor o cerne do idealismo no pensamento ocidental.

Revista Investigações, Recife, v. 32, n. 2, p. 479 - 506, Dezembro/2019

 $\{497\}$

⁴ O título é feito de forma irreverente por M. Pêcheux, em referência à canção popular francesa *La Mort de la Palice*, cuja letra contém frases óbvias e cômicas, tais como "Se tivesse continuado solteiro/Não teria tido esposa". Em sua obra, M. Pêcheux chega a colocar a letra inteira da canção, referindo-se a M. de La Palice como patrono dos semanticistas, por estes se pautarem nas evidências do sentido.

Antes de apresentar seus pressupostos, Pêcheux (1975) promove uma densa reflexão filosófica para colocar em foco as contradições da filosofia idealista, percorrendo desde a Teoria do conhecimento à Fenomenologia (p. 37-60), a concepção dualística intrínseca ao pensamento filosófico ocidental que desagua sobre a Semântica moderna. Nesse percurso, o autor retoma a retórica aristotélica, a gramática de Port Royal, Leibniz, Condillac, Kant e Husserl, chegando às duras críticas ao Realismo metafísico e ao empirismo lógico (p. 61-76). A tomada de posição quanto ao saber filosófico, para tratar da linguagem e do sentido, se dá, sobretudo, porque Pêcheux entende a problemática do sentido como objeto decorrente do modo de produção social, o qual só pode ser entendido com uma teoria dos processos de formação social e da reflexão filosófica (PÊCHEUX, 1975).

A partir da reflexão filosófica, Pêcheux (1975) põe em prática os primeiros conceitos de pré-construído, articulação e os resultados das últimas pesquisas sobre as orações relativas e explicativas, alcançados com a colaboração de Henry e Culioli. Fazendo paralelos com a lógica de G. Frege, o autor coloca em questão o efeito de anterioridade ou de sustentação que atravessa os enunciados, sempre retomando sentidos já constituídos (p. 89). Ancorado nos conhecimentos da lógica, Pêcheux (1975) retorna ao problema do "duplo funcionamento lógico-linguístico", pelo qual se produz a ilusão do sentido formal (p. 114). Seus intentos demonstram, portanto, o mesmo interesse de intervenção nas ciências sociais, através de uma teoria das formações sociais, do materialismo histórico, e de uma filosofia que não recaísse na superficialidade das evidências do real, o materialismo dialético.

Nesse contexto, antes de iniciar a parte que desenvolve de fato sua teoria, *Discursos e Ideologias*, Pêcheux (1975) assevera que "o terreno que atingimos (terreno de uma teoria não-subjetiva da subjetividade) deve permitir-nos, de agora em diante, fundar, em seu princípio, a teoria (materialista) dos processos discursivos" (PÊCHEUX, 1975, p. 125). Assim, nos três capítulos que se seguem, o autor desenvolve os conceitos oriundos das teses de Althusser, a ideologia, as formações ideológicas, o assujeitamento, as questões gerais relativas à reprodução/transformação das relações sociais etc. (p. 129-136). Dos pressupostos de Lacan, depreende-se os esquecimentos nº1, nº 2 e os processos de dissimulação discursiva (p. 161). De Foucault, a noção de formação discursiva é pensada em articulação com a interpelação ideológica do sujeito (p. 147). De Culioli e Henry, os conceitos de interdiscurso, intradiscurso, pré-construído, etc. são evocados, juntamente aos processos discursivos parafrásticos (p. 148-160). De Saussure, é mantida a noção de língua, como base dos

processos discursivos (p. 81), além de ser retomado o corte saussuriano entre língua/fala (p. 56) que autorizou a concepção da subjetividade individual (PÊCHEUX, 1975).

O livro *As verdades de La Palice* marcou um período político de bastante movimentação, no qual a sociedade francesa via aos poucos a esquerda assumir o poder, após a vitória de François Mitterrand na primeira volta das eleições de 1974 e de sua derrota na segunda volta. Porém, em 1977, o PCF rompe a aliança com o programa comum de esquerda e novamente encontra-se isolado (NUGARA, 2010). Esse ano coincide com a escassa produção intelectual de Michel Pêcheux, que se restringe aos colóquios e centros de estudo. No mesmo ano, Jean-Jacques Courtine terminava sua tese de doutorado *Alguns problemas teóricos e metodológicos em análise do discurso, referentes ao discurso comunista endereçado aos cristãos*, defendida em 1980, na qual analisava a relação de atravessamento entre as formações discursivas do partido comunista e dos cristãos católicos. As pontuações de Courtine passarão a ser fundamentais para a atualização da própria disciplina, sobretudo por conta do seu lugar de historiador, que enxergará a importância do *corpus* e da historicidade nas análises empreendidas pela AD.

Em 1976, um dos colóquios importantes a se instituir durante três anos intitulou-se *Seminário HPP* (Henry, Pêcheux e Plon), referente às "Pesquisas sobre a teoria das ideologias" na Maison des Sciences de L'Homme. O colóquio ainda trazia à tona as primeiras questões acerca da relação entre o marxismo e psicanálise. Conforme Maldidier (2017), entre os frequentadores desse seminário fizeram-se presentes a psicanalista Elisabeth Roudinesco, os linguistas Françoise Gadet, Jacqueline Léon, François Dachet, Claudine Haroche, Claudine Normand, Sandra Salomon, Jean Marc Gayman etc. Foi durante essa época que Pêcheux conheceu Jacqueline Authier-Revuz, estudiosa da enunciação. Durante esse período, novas pesquisas relacionadas à enunciação e à análise do discurso começaram a surgir e, em decorrência disso, as demarcações teóricas também.

Em 1976, Guespin publicara na revista *Langages* nº 24 um texto no qual homogeneizava as tendências em AD na definição de "Análise do discurso francesa", o que acabou resultando em uma série de demarcações teóricas pelo grupo de Pêcheux. As divergências podem ser observadas em dois acontecimentos importantes da época. Primeiramente, entre 1967 e 1977, período em que Pêcheux e Gadet apresentaram, no seminário HPP, a exposição intitulada *Há uma via fora da linguística fora do logicismo e do sociologismo*?, publicada em 1977 na revista *Equivalences*. Os teóricos questionavam

justamente o estatuto epistemológico do sociologismo e do logicismo, segundo os quais os procedimentos psicossociais e lógico-formalistas de ambos repousavam sobre as evidências do idealismo e constituíam "duas formas específicas de denegação política" (PÊCHEUX; GADET, 1977, p. 301).

Outro acontecimento se deu entre os anos 1977 e 1978, quando a obra de Bakthin-Volochinov foi traduzida na França e acolhida pelo grupo de análise do discurso baseado na sociolinguística. Em 1981, Pêcheux e F. Gadet, na obra *A língua inatingível*, teceram críticas à filosofia da linguagem bakthiniana, por manter proximidade com a psicologia social de Plekhnov, à qual os estudiosos da AD se opunham (MALDIDIER, 2017). Era justamente o traço idealista, do sujeito relativamente livre ou "a posição estratégica do mestre da língua", que incomodou os teóricos da AD, tendo em vista a abordagem voltada ao materialismo (PÊCHEUX; GADET, 2015).

Como já explicitado no início da seção, a tendência da análise do discurso que se formou em Nanterre, através da militância de Dubois, desde 1966, constituiu uma tradição em AD baseada na sociolinguística e na enunciação (MALDIDIER, 2014a). Guespin e Jean-Baptiste Marcellesi foram os pioneiros a realizarem pesquisas com Dubois, bem como Denise Maldidier, que tinha contato com a Universidade de Paris X – Nanterre e desenvolvia pesquisas sobre o discurso político na área etimológica e enunciativa. A partir de 1970, Maldidier passou a centrar-se na problemática ideológica e histórica do discurso, o que acabou por aproximá-la do grupo de Pêcheux, publicando inclusive artigos em que citava o filósofo, como em *Discurso e ideologia: algumas bases para uma pesquisa* (1972), no qual fazia uma síntese das pesquisas discursivas a se desenvolverem na França.

No ano de 1969, as atividades acadêmicas e políticas da linguista Maldidier já tinham importância particular na constituição da disciplina (ORLANDI, 2014). Em sua tese *Análise Linguística do vocabulário político da guerra na Argélia*, a autora fez uma análise da divulgação da guerra da Argélia, fazendo uma leitura etimológica centrada nos procedimentos de Harris. Na conclusão de sua pesquisa, destaca-se o seguinte apontamento: "inscrevemos aí o problema da articulação do nível do discurso político com o da relação de forças" (MALDIDIER, 1969, p. 168). Prefigurava-se, assim, o interesse da teórica em abordar as relações ideológicas, cujos efeitos só poderiam ser apreendidos além do campo da linguística, fato reconhecido pela autora ao citar R. Róbin: "a linguística ordena a ideologia, mas o significado social de ideologia está fora de seu campo" (MALDIDIER, 1969, p. 168).

Baseado nisso, observa-se que, mesmo antes de participar do grupo de Pêcheux, Maldidier já demonstrava em suas pesquisas a tomada de posição materialista-marxista, pela relação interdiscursiva dos conceitos de *relações de força* e *ideologia*.

No caso de Denise Maldider e da autora Régine Róbin, é interessante observar que, aos poucos, ambas foram se utilizando de categorias da AD, devido às suas posições políticas em relação ao materialismo, a exemplo do artigo publicado em 1977, *Do espetáculo ao assassinato do evento: Reportagens, comentários e editoriais de imprensa sobre Charléty (Mai 1968)*. Apesar de permanecerem numa abordagem linguística, há um trecho em que observam "os processos semânticos relacionados à ideologia e ao interdiscurso". Posteriormente, concluem através da análise enunciativo-etimológica que as estratégias linguísticas "revelam as formações discursivas em relação às posições ideológicas de cada jornal" (MALDIDIER; RÓBIN, 1976, p. 580, tradução nossa). Desse modo, as autoras se aproximavam do grupo pecheutiano, o que se completaria no final da década de 1970. Em artigo publicado com J. Guilhaumou, intitulado *A análise do discurso em busca da historicidade: uma tentativa* (1981), Maldider já demonstrava ter a mesma filiação teórica que Pêcheux: "sobre a questão das relações língua-discurso-ideologia, fazemos nossas, as posições de M. Pêcheux" (GUILHAUMOU, MALDIDIER, 1981, p. 95, tradução nossa).

Em 1979, Michel Pêcheux lançou o colóquio *Materialidades discursivas*, reunindo pesquisadores de diversas áreas. Nessa fase, a teoria do discurso torna-se muito distinta da AAD-69, passando por novas reformulações. Quanto a isso, Courtine e Marandin fizeram intervenções e atestaram o lugar de constante deslocamento da disciplina (MAZIÈRE, 2007). Authier-Revuz também se fez presente no simpósio, e manteve diálogos com Pêcheux, quanto à sua tese da heterogeneidade linguística e constitutiva, bem como Culioli, Jean-Pierre, Jacques Rancière e Élisabeth Roudinesco. Michel Pêcheux, revisando diversos aspectos do começo do projeto da AD, fez no simpósio diversas autocríticas quanto ao objeto "privilegiado" da disciplina, o discurso político. A autocrítica de Pêcheux, o clima contrarevolucionário do cenário político francês e a cessação das conversas com Louis Althusser

⁵ "Ainsi en nous plaçant au niveau strictement formel et sans préjuger des processus sémantiques en rapport avec l'idéologie et l'inter-discours, nous voyons que dans l'appareil presse, la formation rhétorique qu'est l'éditorial met en jeu des effets de conjoncture qui renvoient à une stratégie discursive, et des idiolectes qui relèvent des formations discursives en relation avec les positions idéologiques de chaque journal".

⁶ "Sur la question des rapports langue-discours-idéologie, nous faisons nôtres les positions de M. Pêcheux: cf Langages 37 et Les Vérités de La Palice, Maspéro 1975".

desembocaram na diminuição de seu engajamento quanto à intervenção ideológica nas ciências.

Após o clima político de 1981 ter se esfriado para os membros do PCF, com a vitória do revisionismo dentro dos partidos de esquerda (NAÏR, 1999), a AD começa a se institucionalizar, a partir da criação da *Pesquisa Cooperativa Programada* em *Análise do Discurso e Leitura de Arquivo* (RCP ADELA), na Universidade de Nanterre. Em 1981, o projeto de RCP foi entregue e oficialmente criado em 1982. O grupo era composto por diversos setores multidisciplinares, tendo na época como foco de discussão o texto de Michel Pêcheux, *Ler o arquivo hoje*, publicado em *Archives et documents* da SHESL, em 1982. Dentre as instâncias, o RCP ADELA era estruturado em "Arquivos sócio-históricos" (ASH), coordenado por Courtine, Gullhaumou e Bernad Conein; "Pesquisas linguísticas sobre a discursividade", coordenadas por Paul Henry e Marandin (PLD) e "Informática em Análise de Discurso" (IAD), composto por Pêcheux e Jacqueline Léon (MALDIDIER, 2017).

A RCP ADELA tinha sido criada há pouco tempo, mas já tinha uma grande quantidade de estudiosos, mais de noventa pessoas, seja da França ou de outros países. Entre 1982 e 1983, houve uma multiplicidade de pesquisas, planejamento de colóquios e inúmeros diálogos transdisciplinares em torno dos grupos de história, informática e linguística. Em 1983, Pêcheux publica os textos *Leitura e memória, Análises de discurso: três épocas* e o seu último texto *O discurso: estrutura ou acontecimento*, apresentado na conferência Marxismo e interpretação da cultura: limites, fronteiras, coerções, da Universidade de Illinois Urbana, em julho de 1983. A administração que abrangia diversas áreas disciplinares, consolidava uma das maiores características da AD: sua capacidade de atuar nos diversos espaços.

Após a morte de Michel Pêcheux em dezembro de 1983, o grupo RCP ADELA decidiu não continuar as atividades e os núcleos de pesquisa em AD se diluíram. Porém, os estudiosos mais envolvidos com o projeto da AD continuaram suas pesquisas, relacionando-as cada qual com sua área de trabalho. Paul Henry continuou a trabalhar com as questões de discursividade e enunciação; Authier-Revuz permaneceu desenvolvendo seus pressupostos enunciativos sobre heterogeneidade; Michel Plon passou a assumir a área de estudos da psicanálise; Maldidier continuou, até seu falecimento em 1992, a produzir diversas pesquisas sobre a relação discurso/história, vindo a publicar em colaboração com Claudine Normand, Jacques Guilhaumou, Régine Robin; entre outros que permanecem nesse projeto acadêmico, multidisciplinar e político.

Considerações finais

Através do percurso histórico e interpretativo proposto, buscou-se delinear a conjuntura em que surgiu a análise de discurso e como foram produzidas as ideias linguísticas da época, tendo em vista, sobretudo, os espaços sociais e discursivos ocupados pelos fundadores da disciplina. A partir de fatos históricos, puderam ser observadas questões fundamentais que possibilitaram o surgimento da AD, entre os quais se destacaram: o ativismo político dos intelectuais, a diversidade de formações científicas no interior do grupo encabeçado por Pêcheux e a relação tardia da disciplina com a institucionalização universitária. Depreende-se, com isso, que a AD originou-se de um contexto particular que lhe cedeu diversas características, como a relação forte com o discurso político, as reflexões críticas em relação ao idealismo e o seu lugar de entremeio em relação às áreas de saber.

Conforme constatam Maldidier (2017) e Mazière (2007), diferentemente da análise do discurso constituída em torno de Jean Dubois, a teoria materialista do discurso sempre esteve à margem dos espaços institucionais, apesar de manter certa proximidade. Isso pode explicar o fato de a teoria ter sofrido variados deslocamentos em tão curto período de tempo, bem como sua tendência às rupturas quanto aos pressupostos solidificados da academia. Tal conjuntura, por fim, permite compreender o eco da disciplina em todo o mundo, visto que, apesar da morte prematura de Pêcheux, a AD solidificou bases em outros espaços intelectuais (ORLANDI, 2005), países que o teórico visitou em suas últimas atividades, de 1980 até 1983, tais como o México e o Brasil. Sobretudo nesses países e ainda na França, a AD mantém sua tradição, sempre em constante renovação e a promover reflexões críticas sobre a linguagem.

Referências

AUROUX, S. *A revolução tecnológica da gramatização*. Trad.: Eni P. Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

ANDRADE, G. I. F. A extrema direita na França na década de 50: O movimento poujadista e a guerra da Argélia. *In*: XIV Encontro Regional de História, 14, 2014, Campos Mourão, PR. *Anais...* Disponível em: http://www.erh2014.pr.anpuh.org/anais/2014/35.pdf>. Acesso em: 20/12/2018.

BALASSA, Bela. L'économie française sous la Cinquième République: 1958-1978. *In: Revue économique*, v. 30, n. 6, p. 939-971, 1979.

BERTAUX, Daniel; LINHART, Danièle; LE WITA, Beatrix. Mai 1968 et la formation de générations politiques en France. *In: Association Le Mouvement Social*. Le mouvement social. n° 143, avril-juin, Les Éditions ouvrières, Paris, 1988.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. Cord. trad. Fabiana Komesu. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

COLOMBAT, Bernard; FOURNIER, Jean-Marie; PUECH, Christian. *Uma história das ideias linguísticas*. trad. Jacqueline Léon; Marli Quadros Leite. 1. Ed. São Paulo: Contexto, 2017.

DIAS, Cristiane. *Análise do discurso digital*: sujeito, espaço, memória e arquivo. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução* à *obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

GUESPIN, Louis. Introduction: types de discours ou fonctionnements discursifs?. *In*: *Langages*, 10° année, n°41, p. 3-12, 1976.

GUILHAUMOU, Jacques; MALDIDIER, Denise. *L'analyse du discours à la recherche de l'historicité*. *Une tentative*. *Du propos au mot d'ordre*: "*Du pain*" et (la question) des subsistances - La journée du 4 septembre 1793. *In*: *LINX*, n°4, p. 69-104, 1981.

HENRY, Paul; MOSCOVICI, Serge. *Problèmes de l'analyse de contenu. In: Langages*, 3° année, n°11, p. 36-60, 1968.

HENRY, Paul (1974). *A ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso*. trad. Maria Castro. ed. 2. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

	Constructions re	elatives et articulatio	ns discursives. <i>In</i> :	: Langages, 9°	année, n°37, p	. 81-
98, 19	975.					

_____. Os fundamentos teóricos da "Análise Automática do Discurso" de Michel Pêcheux. *In*: GADET, Françoise *et al*. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da Unicamp, 2014. p. 11-38.

MALDIDIER, Denise; ROBIN, Régine. Du spectacle au meurtre de l'événement: Reportages, commentaires et éditoriaux de presse à propos de Charléty (Mai 1968). In: Annales. Economies, sociétés, civilisations, a. 30, n. 3, p. 552-588, 1976.

MALDIDIER, Denise (1969). *O discurso político e a guerra da Argélia. In*: ORLANDI, E. P. (org.). *Gestos de leitura: da história do discurso*. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014b. p.151-168.

______. Elementos para uma história da análise do discurso na França. *In*: ORLANDI, E. P. (org.). *Gestos de leitura: da história do discurso*. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014a. p. 17-30.

_____. Inquietação do Discurso: (Re) ler Michel Pêcheux hoje. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2017.

MARIANI, Bethania Sampaio Corrêa. *O comunismo imaginário:* práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922 1989). 1996. 256 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade EstadMARIANIual de Campinas, Campinas, SP. 1996.

MAZIÈRE, Francine. *A análise do discurso: história e práticas*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

NAÏR, Sami. *A esquerda e o poder: a experiência francesa* (1981-1997). Trad. Maria Rita Mendonça Sarti e Cortês. *In: Perspectiva*, São Paulo, v. 22, p. 233-249, 1999.

NARZETTI, C. N. P. A formação do projeto teórico de Michel Pêcheux: de uma teoria geral das ideologias à Análise do discurso. Dissertação. Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa. Araraquara, São Paulo: Faculdade de Ciências e Letras – UNESP, 2008.

NUGARA, Silvia. *Entrevista com Jean-Jacques Courtine*. Trad. Carolina Fernandes. *In*: *Organon: revista do instituto de Letras da UFRGS*, Porto Alegre, v.24, n. 48, 2010.

NUNES, José Horta. *Uma articulação da análise de discurso com a história das ideias linguísticas*. *In: Letras*, Santa Maria, v. 18, n. 2, p. 107–124, jul./dez., 2008.

ORLANDI, E. P. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos.* Campinas, SP: Pontes Editores, 2001.

_____. Análise de Discurso: princípios e procedimentos. 4. Ed. Campinas, SP: Pontes, 2003.

A Análise de Discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil. <i>In</i> : INDURSKY,
F.; FERREIRA, M. C. L. (Org.). Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca
acabar. São Carlos: Claraluz, 2005. p. 75-90.
; LAGAZZI-RODRIGUES, S. (orgs.). Introdução às ciências da linguagem: discurso e
textualidade. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.
Língua e conhecimento linguístico: para uma história das ideias no Brasil. ed. 2. São Paulo:
Cortez Editora, 2013.
(org.). Gestos de leitura: da história do discurso. 4. ed. Campinas, SP: Editora da
Unicamp, 2014.
PÊCHEUX, Michel (1969). Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise;
HAK, Tony (Org.). Por uma análise automática do discurso: Uma introdução à obra de Michel
Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp, 2014a. p. 59-158.
(1971). Língua, "Linguagens", Discurso. In: ORLANDI, E. P (Org.). Análise de discurso:
Michel Pêcheux – Textos selecionados por Eni P. Orlandi. 4. ed. Campinas, SP: Pontes Editores,
2015. p. 121-130.
; FUCHS, Catherine (1975). A propósito da análise automática do discurso: atualização e
perspectivas (1975). In: GADET, Françoise, HAK, Tony (Org.). Por uma análise automática do
discurso: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp, 2014. p. 159-
250.
(1975). Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad.: Eni Puccinelli
Orlandi. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014b.
PÊCHEUX, Michel; GADET, Françoise (1977). Há uma via para a linguística fora do logicismo e
do sociologismo?. In: ORLANDI, E. P (Org.). Análise de discurso: Michel Pêcheux - Textos
selecionados por Eni P. Orlandi. 4. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015a. p. 295-310.
A Língua inatingível. In: ORLANDI, E. P (Org.). Análise de discurso: Michel Pêcheux -
Textos selecionados por Eni P. Orlandi. 4. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015b. p. 93-106.

Discurso (NEPAD).

Revista Investigações, Recife, v. 32, n. 2, p. 479 - 506, Dezembro/2019

^{*} Mestrando do Programa de Pós-graduação em Letras/Português, com ênfase em Linguística de Universidade Federal do Piauí (UFPI). Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Análise de Discurso (NEPAD) e do Núcleo de Estudos em Linguagem, Tecnologia e Educação (NEPAD).
** Professora do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal Piauí (PPGEL-UFPI), Campus Ministro Petrônio e Portela. Líder do Núcleo de Pesquisas em Análise do